



MERCADO VENCE A TEIMOSIA

Nos últimos dias a economia brasileira e o mercado deram uma demonstração ímpar de racionalidade e capacidade forçando as autoridades a flexibilizarem o câmbio, sem que nenhuma das catástrofes anunciadas pelos partidários da âncora cambial ocorresse. Pelo contrário, a medida foi recebida pelo mundo com alívio, até uma certa euforia. Flutuações no mercado são mais que naturais, mesmo com um certo exagero inicial, e o estranho são fixações que eliminam os riscos.

O Brasil ficou prisioneiro, por alguns anos, de uma ideologia dominante, segundo a qual a flutuação cambial provocaria uma aceleração do processo inflacionário, apesar das inúmeras evidências empíricas contrárias. Isto só poderia ocorrer quando existisse uma forte indexação entre preços e salários, coisa que não mais ocorre na economia brasileira.

Inúmeros exemplos de países que flutuam a sua moeda, tanto porque sofreram pressões externas como os que preferiram preservar suas atividades internas com juros baixos, não tiveram aumentos persistentes de preços, até pelo contrário. Eles citavam exemplos como da Rússia ou da Indonésia, óbvias exceções, esquecendo-se do Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Taiwan, Polônia e outras dezenas de exemplos bem

sucedidos. Até parece que alguns governistas colocavam FHC ao nível de Yeltsin ou Suharto, uma óbvia injustiça.

Também acreditavam que o aumento da produtividade da economia brasileira seria possível com a absorção das empresas brasileiras pelas estrangeiras. Alguns lamentáveis exemplos de privatizações de serviços públicos pelos grupos externos estão mostrando que a eficiência caiu, criando problemas que se espera não sejam resolvidos por novas nacionalizações, como já ocorreu no passado. Se fossem concedidas condições isonômicas para os grupos nacionais, eles seriam os vencedores de muitas concorrências, pois já são candidatos a global players. E a economia brasileira não ficaria sujeita às futuras remessas permanentes de lucros e dividendos.

Acreditavam ainda que os déficits externos poderiam ser sempre cobertos pelos financiamentos internacionais, sendo um mecanismo de transferência de poupanças para a economia brasileira. Os humores do mercado financeiro mundial provaram que só vigorosos crescimentos das exportações, que proporcionem divisas suficientes para o reembolso dos empréstimos, bem como os seus encargos, inspiram confiança suficiente mesmo para economias de grande potencialidade como a brasileira. O Brasil terá

que andar com as suas pernas, e não com as muletas dos outros.

Ninguém pode ignorar que, como é natural no processo de desenvolvimento, inúmeras dificuldades terão que ser superadas, muitas agigantadas pela demora na correção. Mas a restrição que impedia a queda dos juros e condenava a economia brasileira a um longo período de baixo crescimento foi eliminada. O Brasil já perdeu muito tempo, agora é hora de trabalhar.

Como a capacidade de rápido ajustamento do setor privado foi demonstrada nos últimos dias, o Brasil surpreenderá o mundo com uma recuperação vigorosa, se alguns burocratas não criarem novos obstáculos de fundamentos quase religiosos, como aumentar os juros novamente, quando deveriam dar uma indicação firme de que ele cairá persistentemente. E um mínimo de tempo for concedido para ajustamento, principalmente para os que estavam devendo em dólares. E preciso resistir, a qualquer custo, que a economia brasileira seja amarrada num currency board, onde se perde a possibilidade de uma política cambial, monetária e fiscal independente, como propõem muitos que se conformam com um destino de colônia para este país.

■ Economista, é ex-diretor do Banco Central